

## Educação musical para adolescentes: reflexões e desafios a partir de vivências como bolsista de iniciação a docência

*Marcus Vinícius Carvalho<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal do Ceará*  
*vinivox.1@gmail.com*

*Gerardo Silveira Viana Júnior*  
*Universidade Federal do Ceará*  
*gerardovianajr@gmail.com*

**Resumo:** Esta é uma reflexão que visa estimular a produção de propostas didáticas voltadas para estudantes pertencentes às últimas séries do ensino fundamental II. A partir de pesquisas realizadas em sites especializados em educação e educação musical e da vivência em sala de aula percebi que a produção de estratégias de ensino musical voltadas para adolescentes é pouca se compararmos com a produção voltada para o público infantil. As metodologias aplicadas foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participante. A partir dos textos encontrados foi traçado um panorama com pesquisas recentes e proposições didáticas para musicalização de adolescentes. Conforme pude verificar nesta pesquisa, as publicações de trabalhos voltados para adolescentes ainda é de caráter inicial e no Nordeste do país é escassa.

**Palavras chave:** educação musical, adolescentes, interação adolescentes/jovens música.

### Introdução

Desde a aprovação da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que determina a presença do ensino de música nas escolas de educação básica, têm-se observado um aumento na demanda de produções, adaptações e reflexões sobre materiais didáticos voltados para adolescentes, num esforço de tornar mais efetivo o ensino de música nas escolas. Um dos fatores que mais me motivou a iniciar essa pesquisa foi instigar a elaboração de proposições didáticas destinadas a faixa etária pertencente às últimas séries do ensino fundamental II. A partir disso, surgiram as reflexões provenientes da vivência em sala de aula enquanto bolsista

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi feito em cooperação com o professor Jáderson Aguiar Teixeira, coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

de iniciação a docência e a preocupação de levar uma educação musical que possibilite a formação e transformação do ser social. Também relato minhas primeiras experiências de ensino com esse público específico.

Partindo de uma revisão de literatura das revistas digitais da ABEM, ANPPOM e ICTUS, e de sites especializados em educação e educação musical, encontrei os trabalhos de Jazen e Arroyo (2006), Zaponi (2013), Queiroz e Marinho (2009), Alfonzo (2012), Kleber (2004), Bozzetto (2007), Sebben e Subtil (2010), Teixeira (2012) e Soares (2013). Percebi que existem vários projetos sociais e pesquisas que tratam da questão da educação musical para adolescentes no âmbito brasileiro. No entanto, a partir da vivência em sala de aula observei que é pouco o material preferencialmente voltado para adolescentes, se equiparado à produção voltada para o ensino infantil. Nesse sentido, verifiquei que no Nordeste do Brasil essa produção é escassa.

As metodologias aplicadas foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participante. A revisão de literatura foi realizada via pesquisa digital, utilizando-se das palavras chave 'música, adolescente e educação musical'. A partir dos textos encontrados realizou-se um panorama constituído por pesquisas recentes e proposições didáticas. A pesquisa participante desenvolveu-se a partir da experiência como aluno/bolsista de graduação em música, atuando em escolas públicas na cidade de Fortaleza, entre os anos de 2014 e 2016. Nesse período percebi que diversas atividades propostas em sala de aula tiveram de ser adaptadas para uma melhor adesão dos estudantes contemplados com o projeto de iniciação a educação musical.

Visto que esta pesquisa visa refletir sobre o ensino de música para adolescentes, faz-se necessário determinar de que forma entendo e adoto o conceito de adolescência. A definição de *adolescente* encontra inúmeras interpretações, a exemplo disso temos a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) que delimita adolescência como a fase compreendida entre os 10 e os 19 anos de idade. Já a Organização das Nações Unidas (ONU) delimita a fase da adolescência entre os 15 e os 24 anos (Eisenstein, 2005). Contudo, nesse trabalho irei aplicar a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que restringe a adolescência entre os 12 e os 18 anos de idade (BRASIL, MEC, 1990, p. 1). O principal motivo dessa escolha baseia-se

no fato dessa ter sido a faixa etária com a qual tive contato na escola e que me inspirou a realizar essa pesquisa.

## **Revisão de literatura sobre ensino de música para adolescentes**

Arroyo e Jazen (2006, p. 1, 22, 23) cuidaram em “levantar, catalogar, indexar e comentar a produção literária nacional na área de Educação Musical referente ao tema ‘adolescentes/jovens e música’.” Observei, por essa via, a existência de uma diversidade de trabalhos e projetos que desenvolvem percursos de produção de conhecimento musical com o público infantil e adolescente. No entanto, na pesquisa apresentada por Arroyo e Jazen, encontramos o Nordeste em um dos últimos lugares na produção de material voltado para o público adolescente, fator que também me motivou a fomentar essas produções a nível regional. Não obstante, as referidas autoras destacam que a produção literária no Brasil ainda tem caráter inicial, pois os primeiros trabalhos científicos com a temática ‘adolescente/jovens e música’ só começaram a aparecer a partir dos anos 2000.

## **Produções relativamente recentes acerca do ensino de música para adolescentes**

Para recorrer a trabalhos recentes sobre dado assunto científico, sabe-se que é recomendado um recuo de até cinco anos. Porém, julguei necessário ampliar a margem de recuo por dois motivos. Primeiro porque a quantidade de escritos sobre o assunto não é propriamente vasta. Segundo porque, a partir da base de dados que pude arrecadar até o presente momento, não obtive completo acesso a todos os trabalhos listados. E por muitas vezes consegui apenas os resumos desses trabalhos.

Dentre as pesquisas analisadas estão os trabalhos realizados por Sebben e Subtil (2010) que levantam uma discussão sobre a concepção de música de estudantes de 8º ano do

ensino básico em Ponta Grossa (PR). Os autores abordam a relação de consumo e gosto musical desses adolescentes e procuram estabelecer uma aproximação desse gosto com o ensino de música na escola. Foi realizada uma entrevista com 297 estudantes da rede pública. Como conclusão, os autores informam que conhecer a realidade e o gosto musical é ítem fundamental para que haja uma transformação socio-cultural na vida desses estudantes.

Bozzeto (2007) pesquisou a relação dos jovens com a música através do celular. Esse assunto tem grande relevância atualmente haja vista que os aparelhos celulares fazem parte do cotidiano de jovens e adolescentes. A referida autora realizou um levantamento a partir de propagandas e notícias de revistas e jornais nacionais e internacionais para refletir sobre as possibilidades musicais que os aparelhos celulares e as novas tecnologias, oferecem aos adolescentes. Traz ainda uma discussão sobre a efemeridade da música no cotidiano dos jovens. O trabalho ratifica que o celular faz cada vez mais parte do cotidiano dos jovens, que a indústria tem seu foco no público adolescente e que o aparelho tornou-se símbolo de identificação cultural.

Kleber (2004) procurou compreender como duas ONGs, Associação Meninos do Morumbi (AMM) e Projeto Villa-Lobinhos (PVL) que trabalham com adolescentes em situação de risco, constituíram-se em espaços de formação musical e como funciona a pedagogia nesses espaços. A autora utilizou o estudo de caso e a etnometodologia como pressupostos metodológicos. O escrito conclui informando que essas ONGs têm se mostrado fatores em potencial para a transformação social das realidades nas quais estão inseridas. O eixo condutor do projeto AMM é a aprendizagem musical coletiva. A ONG trabalha com banda de música constituída por um grupo de percussão, um grupo vocal feminino e um grupo de dança. Os adolescentes do PVL participam de aulas de percepção musical, prática instrumental, prática de conjunto e informática por um período de três anos.

### **Proposições metodológicas para musicalização de adolescentes**

Holanda, Alves e Santos (2014) propuseram a criação de um espaço musical chamado “Casa da Música” com o objetivo de levar ao ambiente escolar uma educação musical diferenciada. Nessa perspectiva, os autores procuraram transformar um espaço utilizado como almoxarifado da escola em uma casa musical. Em cada compartimento da “Casa da Música” acontece uma vivência musical diferente. A sala, por exemplo, é o local onde os aprendizes exploram recursos como paisagem sonora e ambiente sonoro, na sala de estar acontecem os momentos de diálogo sobre assuntos como teoria musical e musicalização e a cozinha onde ocorrem os momentos de prática instrumental.

Algumas propostas de ensino me chamaram bastante a atenção como a iniciativa de Zaponi (2013) que utilizou das músicas da mídia para trabalhar apreciação, percepção e execução musical com turmas do 8º ano em Maringá. A autora, em um primeiro momento, trabalhou a apreciação e percepção musical através de músicas divulgadas pela mídia. Posteriormente, propôs a realização de um jogo musical com as canções listadas entre as mais acessadas em sites de música. Nesse jogo o desafio era adivinhar a música tocada com o menor número de dicas. A pesquisadora conclui como positiva a resposta dos estudantes aos exercícios propostos.

Alfonzo (2012, p. 135 a 173) explorou os ritmos de *rap* e *funk* com corais juvenis de 2ª a 8ª séries do ensino fundamental II. A autora, regente do coro, optou por trabalhar com um repertório temático. O tema escolhido foi “Os bairros”. Foi feito um levantamento, entre os coralistas, sobre o que se ouvia no bairro onde eles moravam. De acordo com as respostas, a regente ia coordenando rodas de conversas sobre o que cada estudante pensava sobre o gênero musical citado. Dentre esses gêneros o que, de acordo com o texto, trouxe mais discussões foi o *funk*. A regente fez um aprofundamento em torno desse gênero levando-os a conhecer outras vertentes do *funk*. Esse aprofundamento gerou um arranjo musical de duas canções “Aê meu primo” de Pedro Luis e a Parede e “O Eterno Deus Mu Dança” de Gilberto Gil.

Conservando a intenção de trazer alternativas interessantes para professores e estudantes, Queiroz e Marinho (2009, p. 60 – 75) propõem atividades que baseam-se na vivência, percepção, criação e interpretação musical na atualidade. A primeira proposição traz

uma composição a três vozes baseada na paisagem sonora da feira de Cabedelo na Paraíba. Outra atividade apresentada é a cantiga “Abre a roda” que através da ludicidade desenvolve vários parâmetros musicais. Visando contemplar a “pluralidade cultural”, compreender as diversas expressões das culturas dos povos, também conhecer e vivenciar a diversidade do parâmetro imaterial das diferentes etnias. Para essa vivência os autores trazem a canção “Onde qué”. A música “Canção do Ritmo” foi elaborada para trabalhar o elemento ritmo. Já na música “Rap do Meio Ambiente”, os autores que buscam trabalhar, além do tema transversal “meio ambiente, uma linguagem musical atual, também apresentam uma versão envolvendo percussão corporal.”

## **Educação musical e adequação etária**

Foi como bolsista de iniciação a docência, trabalhando com jovens de 6º ao 9º ano, que percebi que boa parte do conteúdo aprendido no curso de licenciatura em música tinha de ser adaptado à realidade dos estudantes, visto que o pensamento que norteia o ensino da música no Brasil recorrentemente procede daquela noção de imitação de métodos e repertórios utilizados num contexto em que a musicalização acontece ainda na educação infantil, distando da realidade encontrada na escola pública brasileira. Nesse sentido,

não digo que esta organização curricular [que relaciona musicalização e infância] seja impertinente, pelo contrário, somente que não pode ser sempre adequada a todos os contextos brasileiros. Certa aplicação daquela pedagogia musical infantil talvez tenha distorcido o pensamento de seus idealizadores a ponto de, em alguns ambientes, os professores parecerem encaminhar a educação de adultos iniciantes [no caso adolescentes, grifo meu] como um processo semelhante ao da musicalização infantil. (TEIXEIRA, 2012).

Portanto, um dos grandes desafios que a questão da adequação etária traz é, sem dúvida, a escolha do repertório a ser abordado. Sabe-se que a música faz parte inquestionável

do universo cultural dos jovens e adolescentes. Eles ouvem-na nos ônibus, nas ruas, na escola, em diversos ambientes. O repertório desses adolescentes é comumente compartilhado entre os indivíduos do grupo e cria entre estes uma identidade que só faz sentido quando torna-se parte da vivência deles (SOARES, 2013).

### **Que música é essa? E em que termos usá-la como recurso didático?**

Partindo dessa realidade de que a música apreciada pelos adolescentes tem raiz em suas vivências, julguei necessário pensar e pesquisar propostas que levassem em consideração o gosto musical do grupo. Posto que esse gosto pode variar de bairro para bairro, escola para escola e mesmo de sala para sala de aula, tal iniciativa visa proporcionar formação e informação musical contextualmente direcionadas e ampliar as vivências musicais com novas alternativas estéticas que eles não conhecem (SWANWICK, 2003, p. 66 - 70).

Uma das minhas experiências feitas em sala de aula me causaram surpresa quando, ao levar uma versão de “*Peixe Vivo*” de Milton Nascimento para ser executada com percussão corporal em ritmo de baião, muitos dos alunos nem sequer reconheceram a canção. Alguns chegaram a afirmar que se sentiam mais familiarizados com o repertório infantil da animadora Xuxa Meneghel. Diante do estranhamento causado pela falta de aproximação cultural dos estudantes com canções oriundas das manifestações populares procurei, juntamente com os outros cinco bolsistas e nosso supervisor, outras alternativas para trabalhar unindo a formação musical com a questão do gosto dos adolescentes. Passarei a relatar alguns desdobramentos desse nosso esforço conjunto.

Certo dia, as aulas foram encerradas por conta da falta de água na escola e a aula iria ser adiada. Resolvemos ficar um pouco na escola para planejar atividades de ensino. Cinco alunos entraram na sala e perguntaram se podiam aproveitar nossa disponibilidade para aprender algo conosco. Distribuímos um instrumento percussivo para cada estudante e apresentamos uma célula rítmica básica de reggae. Pegamos os violões e começamos a

acompanhá-los com a música “I’m Yours”, intercalando com “Não chores Mais”<sup>2</sup> por terem ritmos e sequência harmônica próximas. Os alunos ficaram bastante envolvidos e empolgados por estarem tocando algo que eles conheciam e se identificavam.

Esse é um exemplo de intervenção que pode ser aplicada em sala: unir canções do conhecimento dos estudantes com o conteúdo formativo musical. Nesse contexto, entendo como conteúdo formativo musical os elementos especializados de leitura e solfejo rítmico, técnica instrumental e teoria elementar. Portanto, uma interação melhor entre gosto musical e conteúdo formativo requisita que o professor esteja atento às canções que circulam nas mais diversas mídias, tornando-se crucial aproveitarmos tais oportunidades para fomentar reflexões a respeito de tais músicas, suas possíveis características apelativas ou poéticas. Julgamos fundamental essa discussão para formação do senso crítico dos alunos. Dessa forma o professor aproxima-se dos alunos, estabelecendo uma relação de confiança e tornando o processo de aprendizagem mais dialógico (AQUINO, 1996, p. 34).

## Os desafios: o planejamento das atividades e a resistência dos estudantes

Visando a otimização do processo de aprendizagem, algumas vertentes de ensino tradicional parecem deixar de considerar elementos como a realidade cultural e social em que esses adolescentes vivem, a falta de infraestrutura escolar e a falta de apoio familiar. Essas questões nos informam que não é apenas a ausência do material didático que contribui para a resistência às atividades musicais propostas em sala. Essa dificuldade se encontra também no fato de esses estudantes terem criado uma visão social deturpada do significado da palavra “aula” vinculada a ideia de “componente curricular obrigatório”.

Motivado por aquelas vertentes de ensino que mencionei acima, experimentei algumas propostas didáticas que não foram bem acolhidas pelos estudantes. A exemplo disso,

---

<sup>2</sup> “I’m Yours” é uma canção do cantor e compositor norte-americano Jason Mars; “Não chores Mais” é uma versão de Gilberto Gil para a canção “No Woman, no cry” de Bob Marley.

posso listar os exercícios de relaxamento, alongamento, respiração e vocalizes tradicionais em que os estudantes precisam ter uma postura mais estática ou exercícios que exigem coordenação motora. Lembro-me de uma situação em que, na tentativa de realizar um exercício de relaxamento, um dos bolsistas pediu para que os alunos curvassem o corpo, como se quisessem encostar a cabeça nos joelhos. A referida atividade não surtiu o efeito esperado, pois se afastou do propósito inicial ao despertar a libído dos estudantes que passaram a rir e comentar explicitamente sobre o corpo uns dos outros. A situação ficou constrangedora e foi necessário interromper o exercício. Um outro colega, bolsista mais experiente, que também atuava na escola, propôs uma atividade para substituir a proposta anterior utilizando instrumentos percussivos onde eles cantavam uma frase “lá em casa tem tapioca” e faziam o mesmo ritmo com as mãos e com a voz. Essa atividade teve uma resposta satisfatória dos estudantes.

Em outro encontro fizemos um exercício percussivo corporal em que uma pessoa bate uma palma e direciona para outra pessoa, como se estivesse atirando uma lança, um dardo ou uma seta. Quem recebe esse gesto, olha nos olhos de outro participante e faz o mesmo e assim sucessivamente. Esse exercício tem o intuito de trabalhar a concentração e prontidão dos participantes. Nessa atividade, alguns alunos participaram, porém muitos também permaneceram sentados, sem participar. Ao perceber isso, fui perguntar a algumas alunas o porquê de elas não estarem participando do jogo ao que elas me responderam que o jogo era chato, sem graça. Não intervi imediatamente, mas fiquei pensando o que nós poderíamos fazer para tornar o jogo mais cativante para aqueles alunos.

Nesse sentido, uma atividade realizada em sala que obteve êxito foi uma brincadeira de criação musical, onde nós bolsistas, juntamente com os estudantes, estabelecemos quatro figuras diferentes associadas a um movimento. Estrela simboliza palma, o quadrado simboliza bater o pé, triângulo bater no peito e o círculo um som vocal. Nessa atividade, os estudantes dividem-se em equipes e criam uma sequência. Em seguida, cada equipe apresenta sua sequência para as demais equipes, Uma variação desse exercício é trocar as composições e a

equipe A, por exemplo, tem que tentar executar a composição da equipe B e assim sucessivamente. Essa atividade foi testada e bastante aceita pelo grupo.

Além de compreender essa relação do adolescente com a música torna-se fundamental fomentar pesquisas de proposições mais próximas do cotidiano dos mesmos, de modo a permitir ao professor

embarcar em rodas de conversas, para – munido de informações, opiniões e pontos de vista – assumir o papel de mediador das informações aqui dispostas. [Abranger] questões históricas, cognitivas, conceituais, físicas e sociológicas, [favorecendo] profundas e fundamentais discussões sobre como oferecer uma educação musical adequada (JORDÃO, ALLUCI, MOLINA, TERAHATA, 2012, pág. 3).

## Considerações em aberto

Conforme pude verificar nesta reflexão é que não existem tantas publicações e projetos que focam na educação musical de adolescentes/jovens. A produção é pequena, o Nordeste ocupa um dos últimos lugares na elaboração de escritos científicos e foi por isso que minha preocupação foi tentar começar a pensar num material voltado para adolescentes, em contraposição ao material voltado para o público infantil, pois os estudantes vêem como desinteressantes muitas das atividades propostas. Os trabalhos existentes tem acesso limitado e isso dificulta a pesquisa bibliográfica.

A música apreciada pelos adolescentes têm raiz em suas vivências, em sua realidade e o professor deve estar atento a esses expoentes procurando desenvolver em sala de aula atividades que estejam em consonância com o cotidiano desses adolescentes.

Portanto, pode-se tomar esse esforço reflexivo como um indicativo para a necessidade do maior conhecimento específico da faixa etária que pretendemos atender.

## Referências

ALFONZO, Nélia Ruiz. Crianças cantando em grupo: currículo rizomático na rede cultural do coro. In: SANTOS, Regina Márcia Simião (Org.). *Músicaculturaeeducação: Os múltiplos espaços da educação musical*. Ed. 2ª. Porto Alegre: Meridional, 2012. p. 142-155.

AQUINO, Julio Gropa. *A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional*. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO, Margarete; JANZEN, Thenile Braun. *Adolescentes-JovensMúsica: Compreendendo essa relação a partir de um levantamento bibliográfico na área da educação musical*. 2007. Disponível em: [www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/3861/2866](http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/3861/2866). Acesso em: 03. 07. 2016.

BOZZETTO, Adriana. Música na palma da mão: ligação entre celular, música e juventude. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Ed. 2ª. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 59 – 74.

CUERVO, Luciane. Ensino de música para um cérebro em transformação. In. IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais. 2008. Porto Alegre. *Anais do SIMCAM4*. São Paulo: Paulistana, 2008. p. 320 – 326.

HOLANDA, João Paulo Ribeiro de; ALVES, Bruno Queiroz; SANTOS, Bruno de Sousa. Casa da Música: Um espaço lúdico de formação, facilitado pelo PIBID. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 12., 2014, São Luis, *Anais*, Maranhão, 2014.

JORDÃO, Gisele; ALLUCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (Coords.). *Amúsicanaescola*. São Paulo: Alluci & Associados Comunicações, 2012.

KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação musical. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Ed. 2ª. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 213 – 235.  
QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 60 – 75, Outubro de 2009.

SEBBEN, Egon Eduardo; SUBTIL, Maria José. Concepções de adolescentes de 8ª série sobre música: possíveis implicações para a implementação das práticas musicais na escola.

*Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 23, 48-57, Março de 2010.

SOARES, Edna Andrade. Reflexão sobre a preferência musical dos adolescentes em sala de aula. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus, *Intercom*, Manaus, INTERCOM, 2013, p. 1 – 10.

SWANWICK, Keith. *Ensinar música musicalmente*, Tradução de Alda de Oliveira e Cristina Tourino. São Paulo. Moderna, 2003.

TEIXEIRA, Jáderson Aguiar. Veredas e desafios para o ensino musical de adultos sem extensa formação especializada anterior: alternativas pedagógicas pertinentes á realidade cearense. In: ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; ROGÉRIO, Pedro (Org.). *Educação musical: Campos de Pesquisa, Formação e Experiências*. Fortaleza: UFC, 2012. p. 135 – 152.

ZAPONI, Camila Nayara. Músicas da mídia: uma experiência com adolescentes no ensino fundamental. In: FÓRUM DE PRÁTICAS DE ENSINO DE MÚSICA, 2013, Maringá, *EPeM*, 2013.